

MORTE DO LEITEIRO

A CYRO NOVAES

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.

É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,
vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda,
resmunga e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.¹

¹ Cf. Carlos Drummond de Andrade. *Poesia completa* (introdução de Silviano Santiago). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, pp. 168 – 170. Foram baldados todos os esforços para identificar Cyro Novaes.

A FONTE DO POEMA (DETALHE)³

O LEITEIRO FOI MORTO À BALA — Na Rua Carneiro da Rocha, em Higienópolis, foi morto ontem, a bala, o entregador de leite da Comissão Executiva do Leite Carlos Teixeira de Sousa, na casa n. 26, fundos, residência de Antônio Pestana e de sua esposa D. Isaura Rodrigues Pestana. Na casa da frente reside Antônio Marques Rodrigues, sogro de Antônio Pestana que foi o matador do infeliz leiteiro. Ao que parece foi ele tomado por um ladrão, atendendo os vários assaltos que ali se tem verificado. A Polícia do 20.º Distrito Policial, está apurando o fato devidamente, estando o criminoso foragido.

³ Transcrição: “O LEITEIRO FOI MORTO À BALA – Na Rua Carneiro da Rocha, em Higienópolis, foi morto ontem, à bala, o entregador de leite da Comissão Executiva do Leite, Carlos Teixeira de Sousa, na casa n. 26, fundos, residência de Antônio Pestana e de sua esposa D. Isaura Rodrigues Pestana. Na casa da frente reside Antônio Marques Rodrigues, sogro de Antônio Pestana que foi o matador do infeliz leiteiro. Ao que parece foi ele tomado por um ladrão, atendendo os vários assaltos que ali se tem verificado. A Polícia do 20º Distrito Policial está apurando o fato devidamente, estando o criminoso foragido”.

A MORTE DE UM LEITEIRO, AL- VEJADO COMO LADRÃO

O juiz da 2.^a Vara Criminal considerou homicídio culposo

Ao juiz da 1.^a Vara Criminal, há tempos, foi denunciado Antonio Marques Rodrigues, funcionário publico aposentado.

O facto que determinou o processo foi amplamente divulgado e causou consternação, porque a vítima havia sido o desgraçado leiteiro Carlos Teixeira de Sousa. O crime ocorreu na madrugada de 31 de agosto do ano passado. O leiteiro havia penetrado na residência do reu, a fim de ali depor o leite, como era seu costume. O funcionário, não o reconhecendo, atirou de revólver, suspeitando ser algum ladrão ou malfetor.

O promotor classificou o delicto nas penas em que incidem os reus de homicídio doloso e, assim, foi o reu apresentado como culpado ao presidente do Tribunal do Juri.

O juiz Paulo Alonso, então em exercício, entendeu não ser do Tribunal Popular a alçada, por se tratar de homicídio culposo e remeteu o processo para nova distribuição. Os autos foram às mãos do juiz da 2.^a Vara Criminal, que ontem baixou o processo, com a sentença. O juiz Paulo Fonseca achou que bem classificado havia sido o delicto pelo colega do Tribunal do Juri, pois o reu não tivera a intenção de abater o pobre leiteiro e se nele atirou, fôra pela convicção em que se encontrava, de ser o mesmo um ladrão. Era, portanto, um crime culposo e não doloso. Considerando que o acusado não possuía maus antecedentes, condenou-o apenas a um ano de prisão, concedendo-lhe "sursis" por dois annos.